

Documentário sobre o governo Temer registra importância de “Uma Ponte Para o Futuro”, programa idealizado pela Fundação Ulysses Guimarães

**Por Adriano Ceolin,
jornalista, cientista político e consultor da FUG**

“963 Dias” é o título do documentário sobre o governo Michel Temer dirigido pelo cineasta Bruno Barreto. O número de dias é uma referência direta à duração do mandato, de 13 de maio de 2016 até 1º de janeiro de 2019, quando ele transferiu a faixa presidencial após enfrentar a maior crise econômica e política deste século. O filme mostra como o programa “Uma Ponte Para o Futuro”, elaborado pela Fundação Ulysses Guimarães (FUG), foi fundamental para Temer entregar um Brasil melhor do que o que recebeu.

Com imagens de arquivo e 40 entrevistados (grande parte jornalistas), o documentário reconstrói a história do governo Temer a partir da formação da chapa em que ele figurou como candidato a vice-presidente de Dilma Rousseff (PT), em 2010 e 2014. Apesar do desejo mútuo em favor da aliança, o documentário conta que a relação entre o PT e o MDB sempre foi marcada por desconfiança. Na questão política, o filme registra também a falta de traquejo de Dilma com o Congresso.

Entretanto, é na questão econômica que o documentário se aprofunda ao mostrar como a perda de credibilidade da então presidente foi causada por uma série de medidas que resultaram em inflação, desemprego e queda do PIB. Mereceu destaque a explicação sobre o episódio apelidado de “pedaladas fiscais”, quando o governo Dilma resolveu atrasar propositalmente o repasse de recursos do Tesouro Nacional para os bancos públicos, a fim de não dar transparência aos problemas de caixa do governo.

Em depoimento ao filme, a jornalista Consuelo Dieguez, da revista Piauí, explicou o significado das pedaladas na prática: “Você está enganando a sociedade. Você está enganando o mercado. Você está enganando os investidores. Você está mostrando uma situação melhor quando a situação é muito pior e vai explodir no colo de todo mundo. Não é só do mercado financeiro ou dos investidores estrangeiros, [mas no colo do] pobre, porque é ele que vai pagar a conta maior da inflação alta e da taxa de juros”.

Como mostra o documentário, no segundo semestre de 2015, a Fundação Ulysses Guimarães (FUG) teve a iniciativa de elaborar um programa de recuperação da economia brasileira que foi intitulado “Uma Ponte Para o Futuro”, e que contou com a participação de renomados economistas que apresentaram uma série de medidas para, especialmente, conter a crise fiscal.

“Eu era o presidente da Fundação Ulysses Guimarães. Sugeriu que nós fizéssemos uma proposta para o país para apresentar à Presidente da República, porque não dava mais para continuar daquele jeito. E nós terminamos isso no final de 2015 e apresentamos para a presidente [Dilma]. Ela tomou aquele documento como de oposição e ela não quis. Direito dela”, contou o ex-ministro Moreira Franco no filme.

O mais recente programa de governo do MDB/FUG é o “Caminhos para o Brasil”, lançado em 2025, que também defende a eficiência do Estado, o rigor nas contas públicas e as parcerias com a iniciativa privada, entre outras medidas.

Segundo o filme de Barreto, a “Ponte” foi o alicerce estratégico para o governo Temer. Entre as medidas elaboradas pelo programa estão a Emenda Constitucional do Teto de Gastos, a Reforma Trabalhista e a Lei de Estatais. O filme de Bruno Barreto também destaca a Reforma do Ensino Médio, que, apesar de alterada em 2024 pelo atual governo, manteve a ideia original do governo Temer de permitir flexibilização curricular e o incentivo ao estudo profissionalizante.

O filme não deixa de abordar temas espinhosos, como o caso JBS, que abalou o governo Temer e quase provocou sua queda do cargo. Em maio de 2017, as medidas da “Ponte” começavam a dar resultado, especialmente na economia, e o Congresso avançava na discussão da Reforma da Previdência. Contudo, no começo da noite de 17 de maio de 2017, o jornal O Globo relatou que o empresário Joesley Batista, dono da JBS, havia gravado o presidente Temer defendendo que ele continuasse, na descrição do jornal, a pagar propina para o ex-deputado Eduardo Cunha, que estava preso por conta do seu envolvimento na Operação Lava Jato.

“Tem que manter isso”, teria dito Temer para Joesley após ele dizer que “estava bem com o Eduardo”. A conversa ocorrera dois meses antes, numa reunião à noite no Palácio do Jaburu. Joesley fez a gravação para entregá-la ao então procurador-geral da República, Rodrigo Janot. O empresário tinha como objetivo conseguir aprovar um acordo de delação premiada para se safar das acusações que sofria na Justiça.

O filme de Barreto mostra como a fala de Temer foi descontextualizada por Janot no processo. Autor da reportagem que detonou a crise, Lauro Jardim, de O Globo, chegou a afirmar na época que publicou o furo de reportagem sem ter ouvido a conversa entre o presidente e o empresário. “Perdão, eu tenho a transcrição, tá? Eu não ouvi o diálogo”,

disse Lauro em entrevista ao apresentador José Luiz Datena. Em depoimento, o diretor da Folha de S. Paulo, Sérgio Dávila, citou reportagem em que o jornal mostrou que o áudio era “inconclusivo”. Outros jornalistas também corroboraram isso.

Ainda neste trecho do documentário, há um depoimento contundente e ao mesmo tempo emocionante da filha mais velha de Temer, Luciana. Ela relatou que, ao ouvir a notícia pela primeira vez, disse ao seu filho Pedro: “Eu corto as minhas mãos se o seu avô teve uma conversa dessas”. Luciana afirmou conhecer profundamente os limites éticos do pai e que a denúncia era algo impensável dentro da conduta dele. Havia menos de um ano, Luciana ocupava um cargo na prefeitura de São Paulo sob administração do PT, e sempre foi respeitada por suas posições independentes e até divergentes do pai.

No campo pessoal, o documentário revelou mais traços da personalidade de Temer, como sua extrema formalidade, seu estilo de não contrariar o interlocutor e sempre buscar o consenso. Nesse trecho, Luciana contou que nunca viu o pai de chinelo, o que provocou risos na plateia que assistia ao filme. Ela explicou que o pai também, muitas vezes, “concorda para discordar”. “Como o meu pai não é do conflito, ainda mais quando ele está cansado, em momentos em que ele não quer, ele vai concordar com tudo que você fala, né? Depois ele pensa”, disse.

Pré-estreia

A pré-estreia do documentário “963 Dias” aconteceu no dia 26 de junho, em São Paulo. O evento contou com 600 convidados, entre autoridades e jornalistas que lotaram quatro salas do cinema do shopping JK Iguatemi. O renomado diretor Bruno Barreto, responsável por obras como “Dona Flor e Seus Dois Maridos” e “O Que é Isso Companheiro?”, contou que “963 Dias” será exibido a partir de setembro, inclusive nas plataformas de streaming.

Temer compareceu à pré-estreia acompanhado por sua mulher, Marcela, e os filhos. Ex-ministros do governo, Carlos Marun, Henrique Meirelles e Antonio Imbassay também estiveram presentes, além de Alexandre de Moraes, atual ministro do Supremo Tribunal Federal e que ocupou a pasta da Justiça no governo Temer.

Antes do início da sessão do filme, o ex-presidente Temer disse que o diretor Bruno Barreto teve “autonomia completa” para realizar o filme. “Vocês verão, por exemplo, que não é um filme de chapa branca, tem ‘fora Temer’ aí à vontade ao longo do filme. Mas ele retrata uma realidade que se inicia num dado momento da história do Brasil e se conclui com a saída do governo. Quero agradecer muitíssimo a gentileza de terem vindo aqui em uma manhã fria”, disse o ex-presidente.

“O Bruno não é fácil; quando você quer conversar com ele sobre o filme, ele coloca todas as objeções, e objeções corretíssimas. Foram quase dois anos e meio de trabalho de uma equipe extraordinária. Eu acho até que, nas partes positivas relativamente a

mim, houve um certo excesso, mas eu aplaudo o excesso e espero que todos aplaudam o filme de maneira muito calorosa”, disse Temer.

“963 Dias” posiciona Michel Temer como o último presidente antes do agravamento da polarização política atual, deixando um legado focado no fortalecimento das instituições democráticas. A mensagem central da obra é que, enquanto as pessoas ocupam cargos de forma temporária, as instituições devem permanecer sólidas e ser o guia principal das decisões nacionais, reafirmando a crença do ex-presidente no diálogo, na temperança e na estabilidade constitucional.